



Trabalhos Científicos

Título: Encefalite Viral Na População Pediátrica

Autores: Matheus Ivan Marques Ferreira / Universidade Católica de Brasília; Carlos Eduardo Mendes Gomes / Universidade de Brasília; Mirella Jackeline de Andrade Rezende / Universidade católica de Brasília; Rafaela Araújo Machado / Universidade Católica de Brasília; Bruna de Souza / Universidade Católica de Brasília; Gabriela Ponte Do Couto / Universidade Católica de Brasília; Marina Pimentel Freitas / Universidade Católica de Brasília; Ana Luiza Rosa Diniz / Universidade Católica de Brasília;

Resumo: Introdução: A encefalite é uma inflamação do parênquima cerebral causada por doenças infecciosas e não infecciosas. Os vírus são os agentes infecciosos mais comuns associados à encefalite aguda. A encefalite viral é a causa mais comum de encefalite em crianças e adolescentes, sendo o vírus herpes 1 (HSV-1) mais prevalente. Cada agente etiológico tem suas particularidades clínicas e laboratoriais, e embora mais de 50% das encefalites permanecerão sem determinação do agente causal específico, mesmo com testes abrangentes, sua identificação é importante para a escolha do tratamento adequado. A encefalite é responsável por altos índices de morbidade e mortalidade, de acordo com a etiologia viral, ressaltando então a importância da prevenção através da vacinação e do fornecimento antiviral quando disponível. Objetivo: Esse estudo objetiva analisar a importância do diagnóstico correto e precoce na redução da morbimortalidade por encefalite na população pediátrica. Materiais e métodos: Revisão bibliográfica sobre encefalite viral na população pediátrica, feita por meio de artigos da SciELO, Edisciplinas e pela revista Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Para a apresentação de dados, foram utilizados textos publicados entre os anos 2000 a 2020. Resultados: A encefalite viral não é uma doença de notificação compulsória e por isso os dados epidemiológicos são imprecisos, mas sabe-se que os agentes mais comuns são os vírus do herpes e os arbovírus, sendo o HSV-1 o principal agente em pacientes pediátricos. As manifestações clínicas são déficits neurológicos, apresentação aguda de sintomas focais e manifestações sistêmicas, como febre, linfadenopatia, artralgia, mialgia, entre outros. O diagnóstico, por sua vez, é construído pela história clínica do paciente e confirmado através de exames de neuroimagem e da análise do líquido cefalorraquidiano (LCR). O tratamento empírico, que deve ser precoce em busca de um bom prognóstico, é iniciado imediatamente suplantando convulsões e estado epiléptico não convulsivo, corrigindo os distúrbios eletrolíticos, a desregulação autonômica e administrando um antiviral, como o Aciclovir. Esse medicamento é considerado base do tratamento por ser uma droga pouco tóxica, podendo reduzir a mortalidade em mais de 70% dos casos e apresentar prognóstico favorável em pacientes com menos de 30 anos. Contudo, mesmo com o tratamento precoce, a mortalidade ainda é alta, podendo chegar a 20% do total de casos. E dos pacientes que sobrevivem, menos de 10% ficarão sem déficits cognitivos e neurológicos, mostrando assim a gravidade da doença. Conclusão: Nota-se a importância da identificação da encefalite viral, por meio do conhecimento dos sinais e sintomas comuns, da realização dos exames complementares necessários e da noção de importância do quadro, para assim estabelecer tratamento precoce e adequado e, por consequência, reduzir a morbidade e a mortalidade.